



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

JOSIARA OLIVEIRA DE SOUZA

APARÊNCIAS: SOMBRAS, PROJEÇÕES E AUTOIMAGEM

CACHOEIRA- BA

2014

JOSIARA OLIVEIRA DE SOUZA

APARÊNCIAS: SOMBRAS, PROJEÇÕES E AUTOIMAGEM

Trabalho de conclusão de curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Valécia Ribeiro

CACHOEIRA- BA

2014

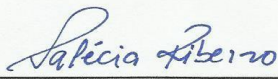
JOSIARA OLIVEIRA DE SOUZA

Aparências: Sombras, Projeções e Autoimagem

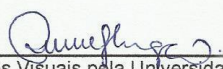
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Bacharelado em Artes Visuais, Centro de Artes Humanidades e Letras, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais, Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Aprovada em 4 de abril de 2014.

Banca examinadora:

Ana Valécia Araújo Ribeiro Brissot – Orientadora 
Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Marcos Olegário Pessoa Gondim de Matos 
Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Ana Maria da Silva Fraga 
Artista Plástica e Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia

Dedico esta obra a Família Macedo, Vilton Bispo, Valécia Ribeiro e Darlan D'Ouro.

AGRADECIMENTOS

Ao **Deus Altíssimo**. Sem Ti nada seria possível!

As **Mulheres** da minha vida: Jó, Rosinha, Netinha e Nalva. *Nunca vi um amor tão grande assim!*

Aos meus **Pais**: João, Aulo, Dica, Ilson, Ido e Durval. *Pai é aquele que ama, cuida e corrige!*

Aos meus **Irmãos**: Thi, Rick, Kary, Nado e Dê. *Serão sempre meus pequeninos!*

Aos meus **Barquinhos**: Neto e Ruama. *É sempre bom ter um abrigo em alto mar!*

Ao meu **Amor**: Vi. *Apoio, carinho, atenção, presença, frente a você, são só palavras!*

A minha **Inspiração** artística: Valécia Ribeiro. *Que bom que você existe!*

A minha **grande Família**: Macedo/Oliveira/Nascimento.

Ao profº Gaio Matos e a artista Ana Fraga: Exemplos em intervenção artística e performance na contemporaneidade!

As **Fifirmãs** : Manú e Tizza. *Existem amigos mais chegados que irmãos!*

Aos **Amigos**: Van, Senna, Dan, Carlinhos, Jones, Lary, Nen.

A **PIB** em Jitaúna. Iracy e Pedro Américo Passos.

Aos **Mestres**: Rabelo, Marilei, Tônico, Dilson, Jarbas, Carol.

Aos **Colegas** de curso: D'Ouro, Tatah, Sat, Didico, Drica, Levy, Vane, Yasmin, Lenice, Regi, Nerize, Lilian, Gugui, Zimaldo, Vaneza, Jhamilly, Fátia, Aline.

A família Vicente. Colegas de trabalho.

A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.
(José Saramago)

RESUMO

Aparências é um trabalho autobiográfico criado a partir da pesquisa artística que realizei sobre a construção e desconstrução da minha própria imagem por meio da foto e videoperformance. A imagem do corpo não é revelada nas imagens. A sombra como matéria artística fundamental na criação desta obra é o elemento que media o diálogo consigo mesmo na busca do *autoconhecimento* para além dos estereótipos, na medida em que a aparência visual se adequa aos padrões impostos pela sociedade. A sombra é utilizada como metáfora visual para o (re)conhecimento de mim mesma, explorando as passagens entre a imagem fixa e a imagem em movimento. Na fotoperformance se estabelece o diálogo entre o corpo e o espaço exterior. Na videoperformance, o corpo dialoga com a sombra em seu ambiente íntimo. O passeio entre as linguagens possibilita a compreensão de como os padrões estéticos estabelecidos pela sociedade provocam uma incessante construção e desconstrução da autoimagem em diferentes contextos.

Palavras-Chave: corpo, imagem, estereótipo, processo de criação.

ABSTRACT

Appearances is an autobiographical work created from the artistic research that I do on the construction and deconstruction of my own image through photo and video performance. Body image is not revealed in the images . The shadow artistic matters as fundamental in the creation of this work is the element that mediates the dialogue with himself in the pursuit of self-knowledge beyond stereotypes , to the extent that the visual appearance fits the standards imposed by society . The shadow is used as a visual metaphor for the (re) cognition of myself , exploring the passages between the fixed image and the moving image . In fotoperformance dialogue between body and outer space is established . In the video performance , the body speaks to the shadow in its intimate atmosphere . The ride between languages furthers our understanding of how the aesthetic standards set by society cause an incessant construction and deconstruction of self-image in different contexts .

Keywords: Body, image , stereotype , creative process.

SUMÁRIO

Introdução	10
Seção 1 - Contexto Social	13
1.1 - Memórias da artista.....	13
1.2 - Sociedade de aparência.....	15
Seção 2 - Construção e Desconstrução da própria imagem	21
2.1 - Estereótipos X busca da minha imagem na linguagem fotográfica.....	21
Seção 3 - O (re)conhecimento de si mesmo e o corpo autobiográfico	32
3.1 - O corpo e vídeo.....	32
3.2 - Da imagem fixa à imagem em movimento: a sombra nas experimentações do corpo em meu processo criativo.....	34
3.3 – A Videoperformance Aparências.....	38
Considerações Finais	43
Referências	45

INTRODUÇÃO

Aparências é um trabalho autobiográfico, criado a partir da pesquisa minha pesquisa sobre as possíveis relações entre sombras, projeções e autoimagem que estabelece um diálogo entre corpo, imagem e câmera. Este trabalho envolve experimentações e diálogo entre a performance, fotografia e vídeo, constituindo a reflexão sobre o deslocamento da sombra em função do movimento do corpo.

O título deste trabalho não está ligado exclusivamente a algo que nos remete a exterioridade, ao que está em evidência, ao aspecto, mas também a imagem que projeto de mim mesma a partir de cada desempenho meu em distintas situações. Ao entender que a aparência não tem relação apenas ao que é superficial, ao que é visível, a sombra assume um papel metafórico na busca da imagem que me define para além dos estereótipos. A noção de estereótipo neste trabalho diz respeito à imagem que caracteriza pessoas de um mesmo grupo social, uma imagem que padroniza, generaliza a aparência.

A proposta desta obra surgiu das vivências e das insatisfações relacionadas ao padrão estético imposto pela sociedade. Cercada por este mundo de aparências, nasce o desejo do encontro comigo mesma. A construção e desconstrução da minha imagem acontece em cada seção ao utilizar adereços, objetos e vestimentas que fazem parte do meu cotidiano para a materialização da performance, tanto orientada para a linguagem fotográfica quanto para o vídeo. Sendo assim, essa variedade de elementos que me aproprio para dar forma à obra, chamo de matéria, esta que é definida pela pesquisadora Cecília Almeida Salles (2009) como “[...] tudo aquilo do que a obra é feita; aquilo que auxilia o artista a dar corpo à sua obra”. (SALLES, 2009, p. 69).



Fig. 01 e 02 - Objetos utilizados para a produção de estereótipos

Nesta obra procuro compreender de que forma a utilização da sombra como metáfora visual no meu processo de criação artística possibilita o diálogo comigo mesma, revelando o corpo autobiográfico na foto e videoperformance.

As experimentações iniciais de *Aparências* se dão na linguagem fotográfica, mas sabendo que a sombra é uma imagem que está em constante deslocamento, que faz um percurso acompanhando o movimento do corpo, então, senti a necessidade de orientar as ações também para o vídeo.

O processo fotográfico foi de suma importância para o desenvolvimento da obra, e apesar de ter sido notória a conversação estabelecida entre corpo, câmera e ambiente, a noção de movimento só seria percebida se o processo fotográfico fosse apresentado em série. Sendo assim, a escolha pela linguagem do vídeo se justifica por conta da necessidade de apresentar um corpo – por intermédio de sua sombra - capaz de interagir com o meio e assumir um papel performático móvel e não estático como na fotografia.

Ao perceber a contaminação da performance com outros meios de expressão artística e que a atuação ao vivo não é somente a única possibilidade desta linguagem, oriento minhas ações para a fotografia e para o vídeo, acreditando que o diálogo entre as linguagens torna mais intensa a conversação entre corpo, imagem e câmera no meu processo criativo.

Para um melhor entendimento do processo de busca do r(e)conhecimento da própria imagem a partir da sombra, a obra se divide em três seções e cada uma delas se desdobra em subseções.

Na seção um, intitulada *Contexto Social* busco entender de que forma os padrões estéticos provocam uma incessante construção e desconstrução da autoimagem em diferentes contextos. Com o intuito de aprofundar essa reflexão na primeira subseção descrevo sobre minha trajetória no que concerne a aparência visual no cenário social, desde a infância na escola à inserção no mercado de trabalho. Na subseção seguinte trago uma reflexão acerca dos padrões de beleza e representação do indivíduo impostos pela sociedade. Na análise das fotografias da artista americana Bárbara Kruger, busco refletir sobre a ostentação da imagem como um objeto a ser consumido cotidianamente.

A necessidade de mudança de comportamento em um dado espaço ou contexto social é analisada na seção *Construção e desconstrução da própria imagem*, onde encontro a possibilidade de criação e recriação da minha imagem na linguagem fotográfica, explorando a

sombra como metáfora da imagem do corpo. Em seguida, na subseção, o corpo é entendido como um ambiente provisório de imagens e investigo o papel da sombra diante da multiplicidade de imagens construídas a partir de estereótipos preestabelecidos como padrão visual.

Ao considerar o vídeo como uma arte do corpo e o corpo como produtor de linguagens, a terceira seção *O (re)conhecimento de si mesmo e o corpo autobiográfico* busca entender como a passagem da imagem fixa para a imagem em movimento contribui para o autoconhecimento na sombra, trazendo outros sentidos na ação da videoperformance. A primeira subseção busca entender a relação entre o corpo e o vídeo tomando como princípio norteador, obras de artistas que estabeleceram esse diálogo entre o artista e a câmera. Ao utilizar a sombra como metáfora visual para o reconhecimento da minha imagem, a segunda e última subseção traz experimentações do corpo desde a imagem fixa à imagem em movimento.

No desafio de entender como minha imagem pode ser (re)constituída a partir da sombra o processo de criação artística se metamorfoseia em todo o percurso de maturação da obra e me vejo durante todo o trajeto em ações como construir e desconstruir minha própria imagem. Dessa forma, a criação “É um processo contínuo, em que regressão e progressão infinitas são inegáveis” (SALLES, 2006, p. 29), neste caso, fundamental para o reconhecimento do corpo autobiográfico.

SEÇÃO 1 - Contexto Social

1.1 – Memórias da artista

Desde a infância tenho sérias dificuldades em aceitar padrões e regras estabelecidos pela sociedade no que concerne a maneira de me vestir e me apresentar nos diferentes espaços, tanto públicos quanto privados. Sempre fui contra ao que se estabelecia como regra.

As primeiras inquietações surgiram quando ainda criança frequentava a escola. Desde lá já me eram impostos padrões para as vestimentas e comportamentos. O descumprimento das normas configurava um castigo, o de voltar para casa e só retornar no dia seguinte acompanhada do pai, mãe ou responsável. A partir de então, passei a conviver todo tempo com a perseguição de ter que compor e descompor uma imagem para cada lugar frequentado.

-Mainha, hoje eu quero ir para a escola com meu conjuntinho vermelho e com minha bota branca.

-Não filha, não pode.

-Ah, mas eu quero ir.

-Filha, a diretora não vai deixar você entrar se não for com o seu uniforme: blusa branca, bermuda azul e sapato branco, não seja teimosa.

-Não sei pra que isso, eu queria escolher minha roupa de ir pra escola.

(Josiana Oliveira, 1990)



Fig. 03 - Josiara Oliveira, 1990.

Na adolescência, quando frequentava a igreja protestante, os regulamentos ainda predominavam sobre a minha maneira de compor a aparência. Como frequentadora assídua, sempre soube que lá não era permitido às mulheres o uso de calças, pois na visão daquela instituição estas eram pertencentes ao vestuário masculino. Quanto aos indivíduos másculos a calça era fundamental, já que não se permitia utilizar bermudas ou shorts. Todas as vezes que pessoas da direção e as que participavam diretamente das atividades descumpriam os princípios da igreja, eram advertidos e recebiam uma disciplina que os impedia de ter participação em qualquer programação no templo.

Ao ingressar no mercado de trabalho percebi que a aparência visual exercia uma forte influência na tomada de decisões dos responsáveis pelas entrevistas e posteriores contratações de emprego. As regras variavam conforme a empresa e o ramo de atividade determinava o aspecto do profissional que a instituição almejava.

Na loja de cosméticos e perfumaria exigia-se que o funcionário se apresentasse diariamente com maquiagem facial, cabelos sempre arrumados, unhas bem feitas, roupas elegantes e sapatos fechados com salto no caso das pessoas do sexo feminino. O lema da empresa era venderem primeiro lugar uma boa imagem e a venda do produto estaria veiculada aos resultados estampados nos seus representantes.

Em casa, sempre trajava peças leves e confortáveis, abria mão dos adereços e neste momento que eu me sentia sem máscaras e totalmente à vontade para realizar minhas atividades domésticas. Era sempre muito prazeroso desconstruir a imagem que eu construía para atender às exigências dos diferentes ambientes frequentados.

1.2 – Sociedade de aparência

A imagem corporal desde as sociedades grega, judaico-cristã e ocidental se categorizava na base ideológica de corpo perfeito. A aparência tornou-se marcante no que concerne às relações que o ser humano estabelece ao decorrer dos dias nas diferentes culturas.

Com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, o corpo vem assumindo um papel de ambiente provisório de imagens, uma vez que com os recursos científicos e tecnológicos, o indivíduo tem a possibilidade de intervir diretamente na estrutura corporal, seja por meio de cirurgias, tratamentos estéticos, roupas, acessórios, medicamentos, entre outros, como afirma a pesquisadora Maria Lucia Santaella Braga (2004):

Essa hipervalorização da construção corporal envolve não só a prática de atividade física, jogging, aeróbicas, mas também as dietas, as cirurgias plásticas, o uso de produtos cosméticos, enfim, tudo o que responda à avidez de se aproximar do corpo ideal. (SANTAELLA, 2004, p. 127)

Com o surgimento do retrato, o interesse individual pela posse das próprias imagens se intensifica e é possível ao indivíduo ter mais que uma imagem de si mesmo refletida momentaneamente no espelho. Com o passar do tempo, a fotografia foi democratizada e essa democratização incitou o surgimento de tentativas para uma espécie de padronização da aparência – desde as poses aos tipos físicos considerados ideais para o contexto social da época.

Os aparelhos fotográficos e as técnicas em fotografar se aperfeiçoam instantaneamente e este aprimoramento vem acontecendo desde o século XIX, implicando dessa forma, em uma maneira diferenciada do indivíduo idealizar o registro do corpo. A imagem captada pela câmera fotográfica deixa de ser a imagem escolhida para ostentação, dessa forma, “[...] corpos podem ser transformados a bel prazer, defeitos apagados, corrigidos, a anos luz de distância dos tradicionais valores da fidelidade fotográfica”.(SANTAELLA,2004, p. 129).

O modo como o ser humano veste o corpo se constituiu desde o período renascentista como um fator distintivo entre grupos socioeconômicos. A textura das vestes e seus moldes faziam distinção entre os escravos e os burgueses. No século XXI o corpo além de identificador de classes sociais, adquiriu uma função híbrida, tornando-se lugar de produção e reprodução de imagens e criador de linguagens.

Ao pensar em corpo capaz de produzir linguagens e distinguir grupos sociais, observemos algumas obras da artista americana Bárbara Kruger, onde combina imagens e textos para fazer questionamentos acerca dos padrões de estereótipos socioculturais impostos criticando, além do consumismo, o individualismo. Entre as diversas mídias que a artista utiliza para impressão de suas montagens fotográficas e textos estão o papel, o vinil e placas de metal. As imagens são em preto e branco, contrapostas por mensagens marcantes com listras vermelhas.

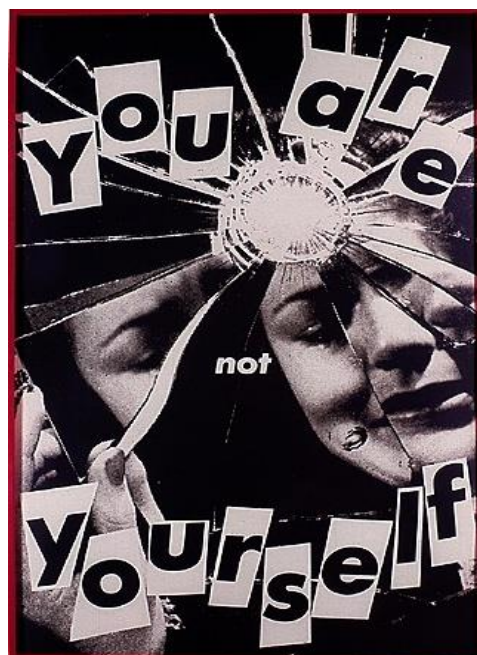


Fig. 04 - *You Are Not Yourself*, Bárbara Kruger, 1984.

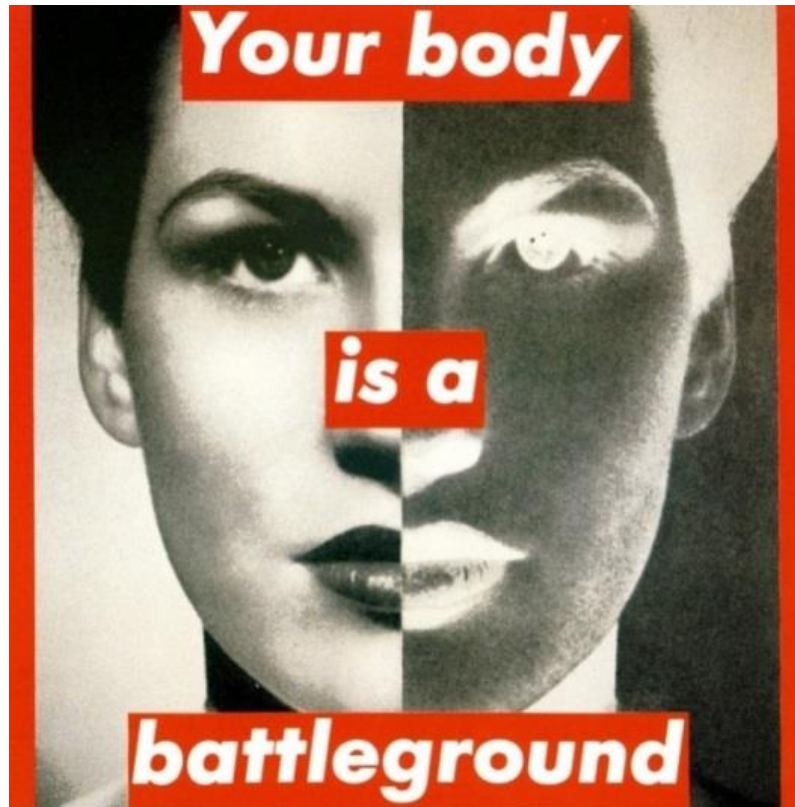


Fig. 05 - *Your body is a battleground*, Bárbara Kruger, 1989.



Fig. 06 - *You are a very special person*, Bárbara Kruger, 1997.

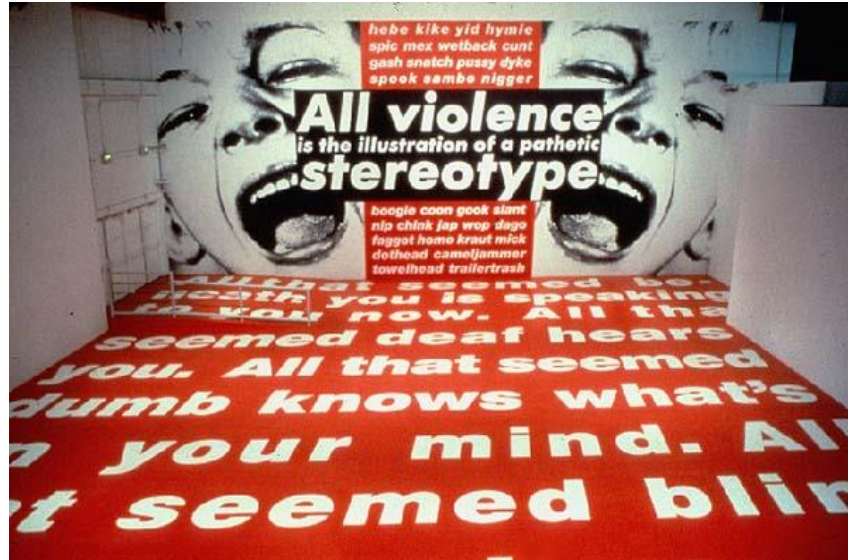


Fig. 07 - Untitled, Bárbara Kruger, 1997.

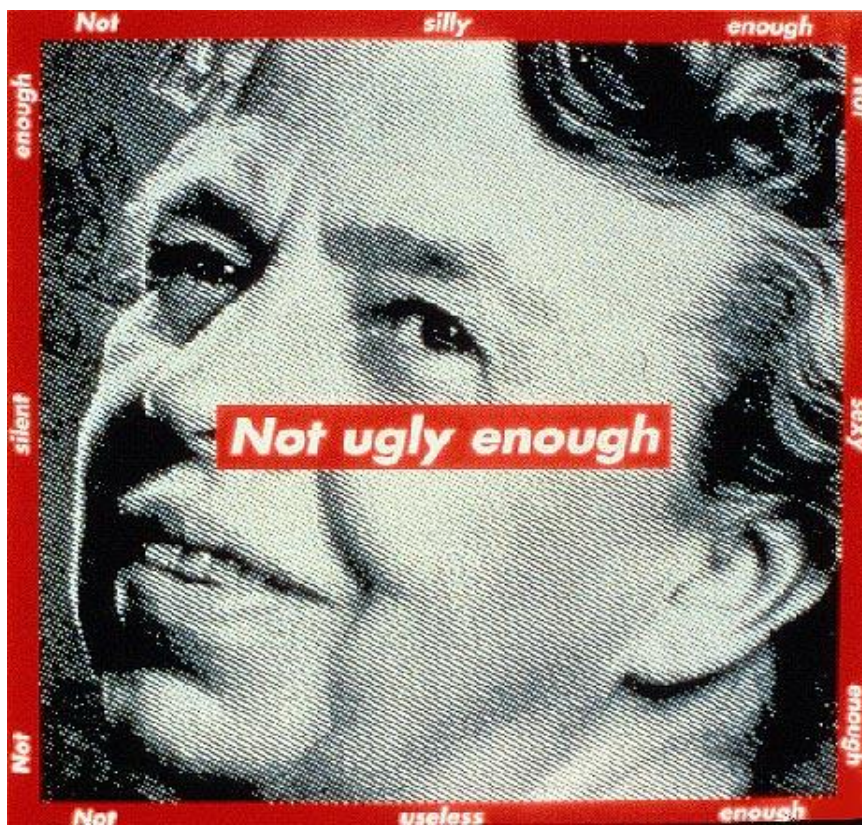


Fig. 08 – Not ugly enough, Bárbara Kruger, 1997.

O padrão estético imposto pela sociedade contemporânea faz com que as pessoas se envolvam cotidianamente em processo de construção e desconstrução de imagens de si mesmo. Na reportagem *Aparência é tudo?*¹ podemos verificar esse comportamento na performance realizada pela britânica Coco Layne que participaria de um processo seletivo em uma loja, mas se deu conta que seu visual não se adequava aos moldes de aparência preestabelecidos para ocupação da vaga. A sua imagem não era nada conservadora, as duas extremidades laterais da cabeça eram raspadas, além disso, vestia-se com roupas e acessórios masculinos.

Depois de perceber que as possibilidades de ser contratada para o cargo eram mínimas ela resolveu mudar a maneira de se apresentar e a partir de então, passou a usar roupas, adereços e maquiagem feminina para compor outra imagem de si.



Fig. 09, 10 e 11 - Coco Layne, 2013.

¹ Disponível em: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/aparencia-e-tudo-britanica-muda-visual-para-conseguir-emprego/?cHash=1000e973544e09ea47e9970dd3521e32>>

Para Coco Layne, a experiência se configura como negativa, uma vez que o mercado de trabalho dá muita importância à imagem e esta imagem, interfere consideravelmente no tratamento dado às pessoas, mas admite ter sido interessante ir ao trabalho com uma máscara que a identificava como pessoa do sexo feminino.

SEÇÃO 2 - Construção e Desconstrução da própria imagem

2.1– Estereótipos X busca da imagem de si na linguagem fotográfica

Percebo meu corpo como um ambiente transitório de imagens, imagens essas que se constroem e desconstroem incessantemente ao passo que novos estereótipos me são impostos pela sociedade. Minha aparência visual é modificada diversas vezes no dia a dia e diante de tantas modificações busco encontrar meu eu autêntico, identificar em qual dessas imagens construídas eu me reconheço. Cada estereótipo representa um momento meu no cotidiano, ora sou estudante e abrigo em meu corpo todos os adereços que assim me identifica; ora sou profissional ostentando uma postura mais rígida tanto na maneira de apresentação quanto no comportamento; ora sou a jovem livre das formalidades do mercado de trabalho.

Nesta seção, pesquiso as possibilidades da criação e recriação da imagem de si na linguagem fotográfica, explorando a sombra como metáfora da imagem do corpo. A escolha pela representação da imagem através da sombra se dá por conta das transformações ocorridas na minha aparência em função do estereótipo e a sombra, enquanto metáfora para o autoconhecimento representa a imagem que identifica meu ser autêntico. Isso não significa dizer que as imagens construídas sejam falsas, ou desprovidas de realidade ou veracidade, mas essa passagem de fisionomias dificulta o reconhecimento da imagem do meu corpo. Estudo também nesta seção o meu comportamento diante da câmera e a minha mudança nas poses quando me vejo em ambiente exterior e interior.

Quando uma pessoa não sabe que está sendo fotografada, seu comportamento não muda, ela dá continuidade a qualquer coisa que esteja fazendo, mas ao perceber a presença do *Operator* e ter ciência de que é o *Spectrum*, logo posa para a foto, e busca se transformar em algo que ele se julga ser e o que deseja que o *Spectator* veja de si. Conforme o comunicólogo Roland Barthes (1984):

O Operator é o fotógrafo. O Spectator somos todos nós, que compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos. E aquele ou aquela que é fotografado, é o alvo, o referente, espécie de pequeno simulacro, de ídolon emitido pelo objeto, que de bom grado se chamaria de Spectrum da fotografia [...] (BARTHES, 1984, p. 20)

Entendendo a pose como uma ficção, uma imagem criada para simular algo, relaciono as composições de estereótipos que construo cotidianamente - mesmo quando não estou perante a câmera - à pose. Dessa forma, as imagens decorrentes de cada criação são maneiras de me representar para que o outro veja e avalie a meu respeito. Nesse contexto, a fabricação de estereótipos se relaciona com a pose para a fotografia uma vez que ambos metamorfoseiam a aparência e comportamento em função de um Spectator. A respeito deste desempenho diante da câmera Barthes argumenta, “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem (BARTHES, 1984, p. 22).

As imagens da série *Encontro com a Sombra, Passeio na orla, e Intimidades 1 e 2*, compreendem essa mudança de comportamentos perante a câmera fotográfica e também a minha relação com os ambientes frequentados, constituindo a fotoperformance. A sombra é uma forma de reconhecer o meu corpo e experimentar possibilidades de transformações da projeção, de alterações das formas, da luz e contornos e é uma maneira de enxergar o que é essencial, o que é permanente independentemente dos estereótipos criados.

Em *Encontro com a Sombra e Passeio na orla*, o corpo é apresentado em posicionamentos discretos em virtude de se encontrar em espaço público. Percebe-se um certo “posar” para a foto, mas em gestos mais serenos e um tanto retraídos. O momento é de interação com o ambiente, a câmera e com a própria sombra revelada.

Encontro com a sombra, foi a primeira experimentação e a mais determinante nesse percurso de busca do autoconhecimento. A princípio, o objetivo era fazer da sombra um índice de presença, de identificação da pessoa fotografada sem que sua identidade fosse revelada. Foram capturadas sombras de várias pessoas que se encontravam no local, mas abri mão das mesmas por assumir um caráter autobiográfico para este trabalho. Com o passar do tempo e após refletir sobre a questão da aparência visual, dos padrões estéticos estabelecidos pela sociedade, percebi que a sombra me possibilitava o conhecimento e o reconhecimento da minha própria imagem. O verbo encontrar me faz pensar em descobrimento, em achar algo que se procura, nesse sentido, o título dessa série se deu por ter, literalmente, encontrado comigo mesma através da sombra. Encontrei na sombra a minha imagem desprovida de máscaras e características que me identificasse como componente de determinado grupo social.

Tanto a sequência *Encontro com a Sombra* e *Passeio na orla*, me permitiram a experiência com os enquadramentos, temperatura de cor, diálogo com o espaço, com as texturas das superfícies, etc. E essa experimentação foi de suma importância, pois me possibilitou a interseção das linguagens, a maturação do meu processo criativo como um todo e o desenvolvimento de uma poética, culminou na instalação de foto e videoperformance intitulada *Aparências*.



Fig. 12 - *Encontro com a sombra*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 13 - *Encontro com a sombra*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 14 - *Encontro com a sombra*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 15 - *Passeio na orla*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 16 - *Passeio na orla*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 17 - *Passeio na orla*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 18 - *Passeio na orla*, Josiara Oliveira, 2013.

Nas séries *Intimidades 1 e 2* quando me encontro longe do olhar do outro e fora do espaço coletivo, me sinto a vontade, livre de julgamentos e volto meus gestos para a sensualidade, me vejo em ambiente mais aconchegante, desprendido de regras de comportamento. Busco conhecer e reconhecer meu próprio corpo quando me vejo sem as máscaras socioculturais impostas pela sociedade.

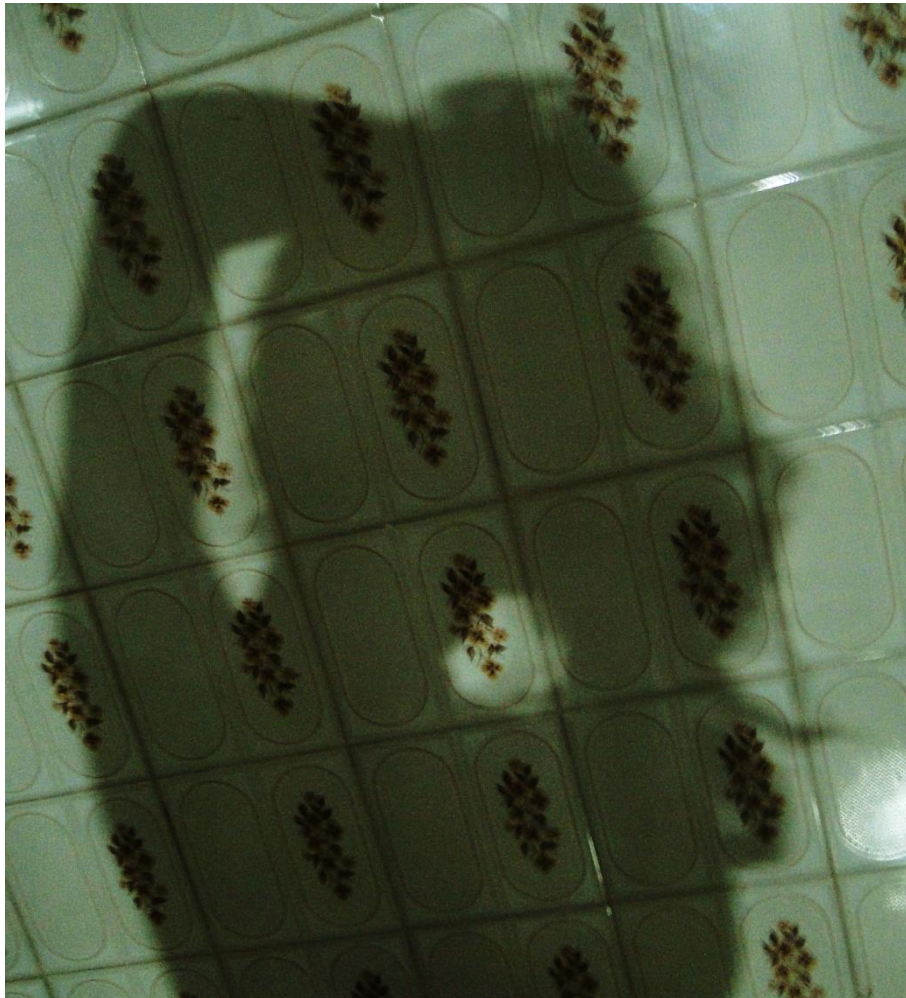


Fig. 19 - *Intimidades 1*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 20 - *Intimidades I*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 21 - *Intimidades I*, Josiara Oliveira, 2013.



Fig. 22 - *Intimidades 2*, Josiara Oliveira, 2014

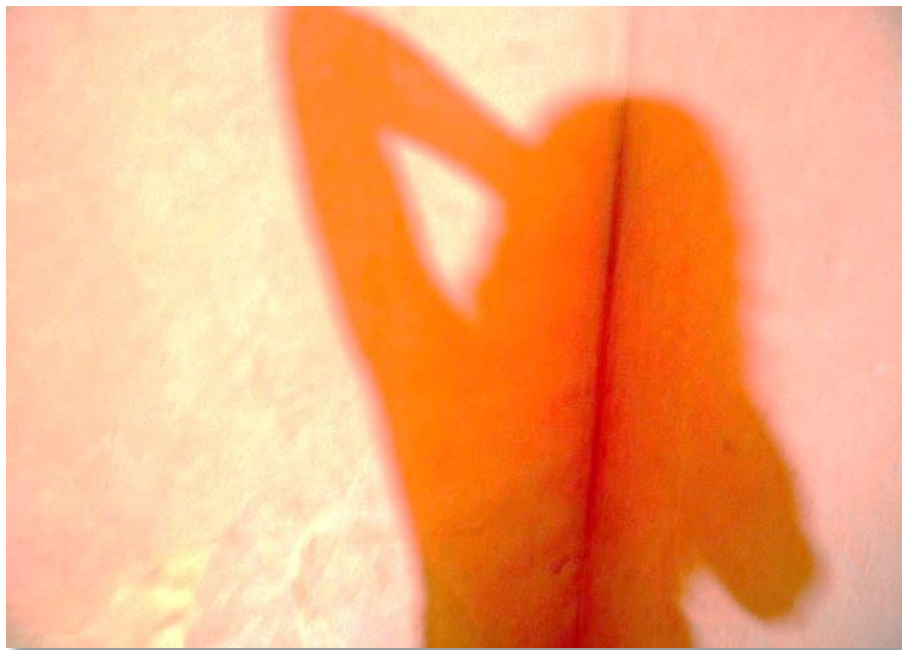


Fig. 23 - *Intimidades 2*, Josiara Oliveira, 2014

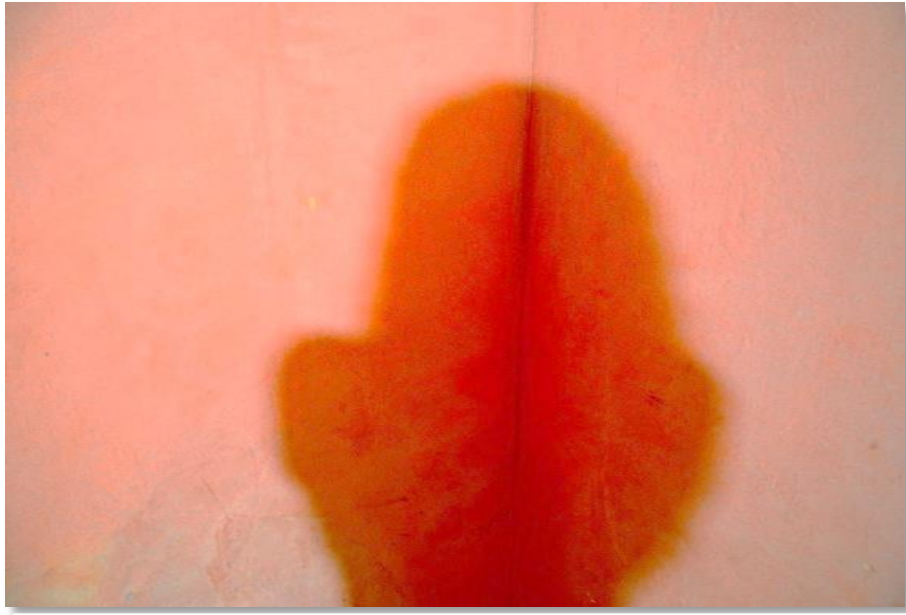


Fig. 24 - *Intimidades 2*, Josiara Oliveira, 2014

Nesta configuração não me restrinjo ao registro de uma ação ou fragmento de um momento, mas busco evocar minha presença a partir da sombra. Mesmo não havendo características fisionômicas para revelar minha identidade nas fotografias, o contorno da sombra revela a mudança nos meus gestos. A textura da parede com a iluminação traz a integração da minha imagem com o ambiente, criando uma linha que permite a visualização da divisão do corpo, normalmente difícil de perceber na sombra.

Na performance no ambiente de intimidade, o trabalho da artista carioca Brígida Baltar é uma referência importante na percepção do caráter autobiográfico por meio da relação corpo/espço íntimo. A artista escavava seu molde na parede de sua casa e em seguida preenche a cavidade da parede com seu corpo. Esse processo de escavação deu origem a um trabalho intitulado *Abrigo* (1996).



Fig. 25 - *Abrigo*, Brígida Baltar, 1996.

SEÇÃO 3 - O reconhecimento de si mesmo e o corpo autobiográfico.

3.1 - O corpo e vídeo

Desde a década de 1960 a arte da performática tem passado por diversos desdobramentos, inclusive no que se refere ao seu formato de apresentação - que vão desde os mais tradicionais como pintura, escultura ou desenho aos digitais como fotografia e vídeo. Nesse sentido, a crítica de arte Regina Melim (2008) afirma que “distender a noção de performance nas artes visuais implica apresentá-la como uma categoria sempre aberta e sem limites”. (MELIM, 2008, p. 9).

O corpo é utilizado como objeto de pesquisa para diversas áreas do conhecimento, nas artes ele assumiu uma postura de produtor de linguagem e criador de novas realidades. Ao entender que o vídeo possibilita instantaneidade no processo de produção, uma variedade de artistas criam suas performances especialmente para a linguagem videográfica, por se tratar de um meio que possibilita o diálogo entre vários campos da arte.

As primeiras performances sem a presença de público surgiram já no final dos anos sessenta - orientadas para a fotografia e para o vídeo – e como um dos expoentes desse momento, temos o artista Bruce Nauman. Na década de 1970 surge no Brasil uma gama de artistas que também conduziam suas performances para a linguagem fotográfica e videográfica, entre eles: Letícia Parente e Brígida Baltar.

No trabalho *Marca Registrada (1975)*, Parente posiciona um dos pés defronte a câmera e durante dez minutos costura na sola de seu pé a frase MADE IN BRASIL. A performance foi apresentada ao público sem cortes ou interferências de edição, ou seja, em seu tempo real de gravação, nesse sentido o observador tem contato com a obra na mesma duração de tempo em que ela ocorreu.



Fig. 26 e 27 - *Marca Registrada*, Letícia Parente, 1975.

Em *Estudos para Hologramas* de 1970, Bruce Nauman faz um recorte de seu rosto e permite através do enquadramento close-up que o observador acompanhe com detalhes o seu processo de criação, onde ocorre a manipulação do corpo do artista através de ações como apertar, puxar, esticar seus lábios e bochechas.



Fig. 28, 29, 30 e 31 - *Studies for Holograms*, Bruce Nauman, 1970

3.2 – Da imagem fixa à imagem em movimento: a sombra nas experimentações do corpo em meu processo criativo

A imagem fotográfica se veicula a pose e por vezes, produz tremores que podem conferir à imagem uma certa mobilidade, mas tais movimentos não são suficientes para atribuir paradas, suspensões e até mesmo congelamentos, como é o caso da imagem do vídeo e do cinema. Ao pensar a fotografia como imagem imóvel, senti a necessidade de uma transposição das ações para o vídeo e como afirma Barthes “trata-se de uma outra fenomenologia e, portanto, de uma outra arte que começa, embora derivada da primeira. (BARTHES,1984, p.118)

Nesse sentido, esta configuração tem seus experimentos iniciais na fotografia e se consolida na imagem videográfica, mas é necessário considerar que o processo fotográfico teve imensa relevância e serviu de base para o amadurecimento da videoperformance.

A proposta desta obra no início do processo era de realizar uma performance em que eu construiria e desconstruiria o meu estereótipo em função dos múltiplos ambientes frequentados, mas com o objetivo de não revelar a imagem do corpo. Dessa forma, a sombra se constituiu como a narrativa primária na realização das minhas ações, tanto orientadas para a foto quanto para o vídeo.

O filme *Helena* (2012)² é uma referência para este processo de reconhecimento da sombra como narrativa, nele a personagem captura sua sombra e a das pessoas enquanto faz um percurso pelas ruas e realiza atividades do cotidiano dialogando consigo mesma.



Fig. 32, 33 e 34 - Frames do Filme *Helena*, 2012.

O Teatro de Sombras nasceu na China e se refere a um tipo de arte que manipula bonecos posicionados atrás de uma tela sobre a qual incide a luz e faz com que o público veja apenas a sombra desses bonecos. Esse tipo de teatro é muito antigo e aborda questões

² Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/ElenaFilme>>

relacionadas aos mitos, rituais, cultura local e não há a representação do encenador como personagem. Ele se enraizou por toda a Europa e se estendeu por todo o mundo, mas com uma nova proposição: de não se utilizar dos bonecos, mas do próprio corpo humano. Da arte tradicional oriental se origina o Teatro de Sombras contemporâneo, que foi também um referencial no seguimento e produção do meu trabalho, por se tratar de uma arte que utiliza o corpo como matéria no intuito de estabelecer a interpretação de diversas textualidades e ser condutor de múltiplas expressões. Desta geração destaca-se o vídeo³ do Grupo Attraction.

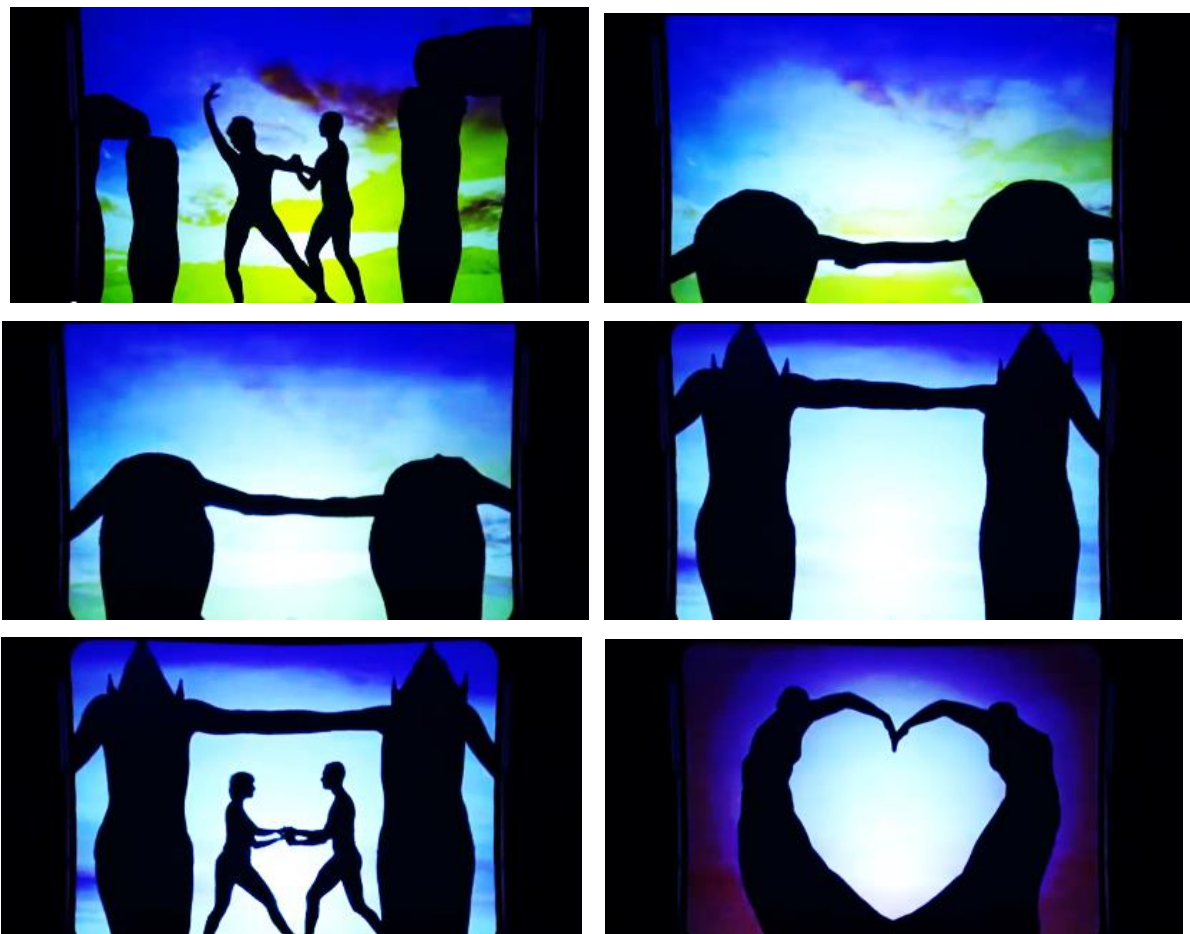


Fig. 35, 36, 37, 38, 30 e 40 - Frames do Vídeo Teatro de sombra, Grupo Attraction.

A partir da observação de obras de artistas que endereçavam suas performances para o vídeo e também da experiência adquirida com a produção das fotografias da minha pesquisa artística - que compreende as imagens das séries: *Encontro com a Sombra*, *Passeio na orla* e

³ Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=BGYIwYKOlRc>>

Intimidades 1 e 2 – decidi iniciar um processo criativo de construção e desconstrução de estereótipos também para o meio videográfico. A escolha por esta linguagem se deu por entender que ela permite o confronto entre corpo do artista e câmera. Ao compreender a sombra como imagem móvel, que segue o percurso do corpo e que está em constante movimento na ação, percebo-a como mais um elemento nesse diálogo.

A produção fotográfica realizada antes da videoperformance permitiu a experimentação de enquadramentos, exposição de luz necessária para o reconhecimento da sombra como imagem do corpo, temperatura de cor, objetos a serem utilizados na construção dos estereótipos, etc. Assim, “o percurso criador mostra-se como um itinerário recursivo de tentativas, sob o comando de um projeto de natureza estética e ética, também inserido na cadeia da continuidade e, portanto, sempre inacabado” (SALLES, 2006, p. 29).



Fig. 41 a 60 – Estudos fotográficos para videoperformance.

3.3 – A Videoperformance *Aparências*

O processo da produção videográfica de *Aparências*⁴ começa com testes num quarto escuro e com a utilização de lanternas com chama fluorescente. A primeira dificuldade surgiu a partir da escolha da iluminação, pois a quantidade de luz produzida pela lanterna não era necessária para dar origem a sombras bem definidas e visíveis. A câmera Nikon D7000, com lente 18-105mm representou outro problema nesta etapa de gravação, ela apresentou um defeito de pico de luz e não respondia satisfatoriamente aos comandos de regulagem do ISO. Esteticamente, as imagens capturadas nessa fase não atenderam ao esperado, além de não identificarem os objetos que eu utilizava para a construção dos estereótipos.



Fig. 61 a 64 - Testes com Nikon D7000 e lanterna.

Na continuação dos processos decidi mudar o ambiente, as luzes e a câmera. Dessa forma, escolhi o meu quarto como meu ateliê por ser mais amplo e possibilitar a maximização de meus movimentos. Da utilização da câmera Nikon D7000, com lente 18-105mm mudei para uma câmera compacta Samsung Digital EC-ES95 que também apresentava um defeito de temperatura de cor, que derivava em imagens com cores quentes. A falha da máquina provocava um efeito na imagem que me despertou bastante interesse. E levando em consideração que a parede do quarto tinha uma tendência de cor para o salmão, abandonei a luz fluorescente da lanterna e passei a usar um refletor de luz incandescente. A junção da cor

⁴ Pode ser vista no DVD que complementa este material.

da parede, da luz amarelada do refletor e da tonalidade da imagem produzida pela câmera me fez compreender que estava diante de uma proposta plástica que trazia um aspecto mais íntimo para o trabalho. Dessa forma, me apropriei dos problemas técnicos da câmera para compor outra proposta estética na videoperformance.

As gravações foram realizadas em alguns dias, totalizando quarenta minutos de vídeo. A imagem da sombra foi capturada de forma direta, não foi aplicada nenhuma espécie de filtro entre a câmera e o corpo. Para a edição dessas filmagens foi utilizado o programa de edição Adobe Premiere e contei com a colaboração de Darlan DhOuro.

O vídeo inicia com uma imagem em apenas uma janela e no decorrer do vídeo as janelas vão se multiplicando e essa multiplicidade faz alusão aos vários estereótipos que eu construo no cotidiano.

Algumas cenas decorrem no tempo real da gravação do vídeo me fazendo refletir sobre o meu próprio tempo, o tempo que eu preciso ter comigo mesma e não tenho devido às diversas atividades e ambientes no qual estou inserida. As cenas em tempo acelerado representam a rapidez de criar e recriar a todo tempo minha imagem e a própria correia do dia a dia em atitudes como: tomar banho, me vestir para ir ao trabalho, chegar e de imediato sair pra Universidade, entre outras ações habituais.

Uma janela se sobrepõe a outra, mesclando as várias aparências construídas e desconstruídas, mas isso não significa dizer que uma imagem se apaga para que a outra venha ser construída, nesse sentido, elas se misturam, se completam. É importante ressaltar que toda essa multiplicidade de imagens não separa a pessoa que trabalha da pessoa que estuda, se diverte, pratica atividades físicas, etc.

Para um melhor entendimento desse processo de mesclagem, coloquei o efeito de dissolver em alguns quadros no sentido de entender que as imagens se diluem umas nas outras para que um todo possa ser construído. E é exatamente isso que acontece comigo no dia a dia, eu construo vários estereótipos, mas sou apenas uma pessoa e nesse sentido, o vídeo finaliza com uma janela da mesma forma em que se iniciou, pra trazer o significado de uma pessoa que vive se subdividindo em comportamentos e atividades para fazer distinção entre os ambientes frequentados, mas que se constitui em uma só.



Fig. 65 a 73 - Frames do vídeo Aparências.

A escolha por trabalhar com minha sombra foi devido a dificuldade que tenho em reconhecer a minha imagem depois de tantas modificações de aparência, então, metaforicamente, a sombra me possibilita um reconhecimento de mim mesma e ainda que venha a ter formas diferentes ela é sempre uma imagem projetada, um contorno, que não necessita de elementos fisionômicos, adereços ou vestimentas para que seja identificada.

O áudio é composto por conversas minhas em meu local de trabalho e contraposto às falas, há o poema Traduzir-se do escritor Ferreira Gullar cantado por Adriana Calcanhoto introduzido ao vídeo por entender que se trata de um questionamento a condição do ser humano em relação ao tempo. Tanto as falas quanto a música se repetiam durante todo o vídeo, trazendo um pouco de perturbação, de confusão.

Optei por realizar a videoperformance em casa pelo fato de ser o ambiente onde eu me multiplico enquanto imagem e também por ser o lugar onde construo e desconstruo minha aparência corriqueiramente.

Após a conclusão das gravações e edição do vídeo, voltei meu processo para o planejamento da exposição *Aparências: Sombras, Projeções e Imagens*, constituída de foto e videoperformance.

A exposição foi pensada a priori para ser realizada no espaço cultural Pouso da Palavra, mas por conta do espaço ser muito claro e não favorável a exibição da projeção, transferei para a Galeria Identidade Brasil.

A abertura ocorreu no dia 07 de março de 2014 e o período de visitação se estendeu até o dia 11 do mesmo mês e ano. A exposição contou com a presença de noventa pessoas, da abertura ao seu encerramento.

A sala disponível para a realização da mostra era fechada e escura, o que possibilitaria uma boa projeção e imersão na obra. Mas sabendo que as fotografias não poderiam dividir o mesmo espaço que as projeções, por se tratar de uma mídia que necessita de luz para a visualização, então escolhi organizar a exposição em dois ambientes. No primeiro espaço, corredor que dava acesso à sala onde estaria exposto o vídeo, coloquei o display expositivo com o texto curatorial e as fotografias das séries: *Encontro com a sombra* e *Passeio na orla*. A escolha por estas séries se deu em virtude de tratarem de imagens que fazem parte do ambiente externo, e por trazer a mostra não apenas uma sombra que se constrói no seu lugar de intimidade, mas mostrar também a sombra que sai e que dialoga o público no contexto do processo de criação.



Fig. 74 a 76 - Expografia das imagens fotográficas.



Fig. 77 a 78 - Expografia das imagens videográficas.

Depois da montagem dos equipamentos necessários para a exibição do vídeo e quando o público já estava presente, verifiquei que o projetor foi posicionado em lugar impróprio. Quando o observador passava em frente à luz emitida pelo aparelho, projetava-se também a sombra do observador sobre a minha sombra na parede. Mas é importante lembrar que “muitos casos em que a relação erro ↔ acaso é estabelecida”. Tentativas que, a princípio, se mostram frustradas, e que geram descobertas bem vindas à obra em construção. (SALLES, 2006, p. 38). Nesse sentido, fui surpreendida com a interação do observador. Depois de ver a projeção por alguns segundos, e ao se movimentar em frente ao projetor e perceber que sua sombra estava sendo projetada na minha, o fruidor começou a repetir gestos acompanhando as cenas do vídeo, bem como criar seus próprios gestos.



Fig. 79 a 87 - Interatividade: fruidor e obra

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abriu o caminho para que eu refletisse de maneira mais intensa sobre os padrões estéticos que a sociedade estabelece em função de um estereótipo e me fez entender que a aparência está veiculada não somente à imagem que o outro vê de mim, mas à minha própria maneira de me ver, de quais projeções faço de mim mesma.

Os estereótipos estimulam a construção e desconstrução da aparência em conformidade com o contexto social que cada pessoa está inserida. Nesse sentido este trabalho trouxe uma reflexão sobre a multiplicidade de aparências a partir de um só corpo. Compreendi nesse processo de busca da autoimagem e do conhecimento de si mesmo que as imagens que produzo no cotidiano não são separadas uma da outra, elas se fundem trazendo um entendimento de que a identidade e a própria obra são mutáveis.

A prática da foto e videoperformance fez com que eu pensasse sobre a familiaridade que o artista desenvolve com a câmera quando não se tem a presença do público na realização das ações, sobretudo quando seu estúdio é seu ambiente doméstico. Nesse sentido, o artista toma partido da ausência do observador para dialogar de maneira direta e contínua com a câmera. Dentro dessa proposta artística foi possível refletir, ainda, sobre o sentido da moldura nas ações, a escolha dos enquadramentos e a forma de entrega da performance ao público, seja em tempo real do ato ou manipulado, através da linguagem fotográfica ou videográfica.

Na maneira como as obras foram expostas se refletiu o próprio processo de criação, visto que estabeleceu o diálogo entre as imagens produzidas no espaço externo (fotoperformance) e interno (videoperformance). As fotografias foram posicionadas no corredor como uma espécie de preparação do observador antes que ele adentrasse a sala da projeção do vídeo.

A interação do público com este trabalho foi uma experiência surpreendente, foi gratificante saber que o observador entendeu que o ato de *construir* e *desconstruir* a própria imagem a partir dos estereótipos impostos, não só diz respeito ao artista proponente da obra, mas a cada um. Vale apenas considerar que no percurso do processo de produção até que a obra fosse entregue ao público enfrentei muitas dificuldades e tive momentos de frustrações, mas ao perceber que o observador viu a si mesmo através da minha proposta artística senti-me maravilhada e mergulhei em um profundo estado de contentamento. Nesse sentido darei

continuidade a esta pesquisa artística no intuito de propor novos caminhos para que se estabeleça uma interatividade ainda mais sólida com o público.

REFERÊNCIAS

- ARRANJO tributário. *Sétima Edição do Britain's Got Talent*, Londres, 8 jun. 2013. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=BGYlwYK0lRc> . Acesso em 18 nov. 2013.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre fotografia*, tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BRISSOT, Ana Valecia Araújo Ribeiro. *Imagens de si: processos poéticos entre o corpo do artista e sua própria imagem na mediação tecnológica*. Tese de doutorado, 2012.
- DONASCI, Otávio. *Videocriaturas: análise de videoperformance realizadas entre 1980 e 2001*. Dissertação de mestrado. São Paulo: ECA/USP, 2002
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*; tradução: Marina Appenzeller. 10ªEd. São Paulo: Papirus, 2007.
- ELENA. Direção Petra Costa. Produção: Busca Vida Filmes. Roteiro: Petra Costa e Carolina Ziskind. Elenco: Elena Andrade, Li An e Petra Costa. Rio de Janeiro, 2013. trailer em meio eletrônico. Disponível em <http://www.youtube.com/user/ElenaFilme>. Acesso 15 fev. 2014.
- FARKAS, Solange. *O Videobrasil e o vídeo no Brasil: uma trajetória paralela*. Em Arlindo Machado (org.), *Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003
- GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. Tradução: Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução: Maria Célia Santos Raposo. 16ª ed. Petrópolis, Vozes, 2009.
- KRAUSS, Rosalind. *Vídeo: a estética do narcisismo*. Tradução: Rodrigo Krul e Thais Medeiros. *Arte & Ensaio*. Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais Escola de Belas Artes da UFRJ. Rio de Janeiro, ano 15, n. 16, p. 144-157, julho de 2008.
- MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MELIM, Regina. *Performance nas artes visuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

MELLO, Christine. *Extremidades do vídeo*. São Paulo: Editora Senac, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SANTAELLA, Lucia. *Corpo e Comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus, 2004.

OLIVEIRA, Emília. *Aparência é tudo? Britânica muda visual para conseguir emprego*,

Salvador (BA), sem data. Disponível em <http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/aparencia-e-tudo-britanica-muda-visual-para-conseguir-emprego/>?

cHash=1000e973544e09ea47e9970dd3521e32 . Acesso em 14 fev. 2014.